

## TEOLOGIA DE SANTO AGOSTINHO

Francisco Moriones, OAR

*Robson Pienegonda Pires\**

**Obra resenhada:**

MORIONES, F. *Teologia de Santo Agostinho*; tradução de Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Paulus, 2022.

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo ser uma resenha da obra *Teologia de Santo Agostinho*, de Francisco Moriones, OAR. Lançada no mercado editorial brasileiro em 2022, chegou às mãos do público brasileiro a tradução para o português da original espanhola *Teología de San Agustín*. Tal lançamento proporciona aos leitores lusófonos a possibilidade de acessar de modo sistematizado as grandes linhas da teologia agostiniana. Sendo assim, de modo singelo, a presente resenha intenciona apresentar a obra em sua proposta geral e também as vantagens que proporciona aos estudos agostinianos em solo brasileiro. Para tanto, buscou-se seguir não somente a metodologia e a disposição que o próprio autor apresenta aos seus leitores, mas também o próprio conteúdo que os leitores interessados encontrarão nesse novo auxílio a quem queira se aventurar a escrutinar o pensamento do bispo de Hipona.

**Palavras-chave:** Teologia. Santo Agostinho. Obra de referência.

**Abstract:** This article aims to be a review of the book *Theology of Saint Augustine*, by Francisco Moriones, OAR. Released in the Brazilian publishing market in 2022, it brought to Brazilian readers the Portuguese translation of the original Spanish work *Teología de San Agustín*. This release provides Lusophone readers with the opportunity to access the major lines of Augustinian theology in a systematic way. Thus, this review intends to present the book in its general proposal as well as the advantages it offers to Augustinian studies in Brazil. To this end, it followed not only the methodology and structure that the author himself presents to his readers but also the content that interested readers will find in this new resource for those who wish to explore the thought of the Bishop of Hippo.

**Keywords:** Theology. Saint Augustine. Reference work.

O autor da obra, Francisco Moriones, OAR (Ordem dos Agostinianos Recoletos), notabilizou-se por sua grande contribuição no estudo e aprofundamento da obra e pensamento de Santo Agostinho em língua espanhola. Graduou-se em teologia na Universidade Gregoriana de Roma (Itália). Durante mais de sessenta anos, foi professor de Filosofia e Teologia.

Lançada no mercado editorial brasileiro em 2022, chegou às mãos do público brasileiro – composto tanto por pesquisadores e acadêmicos iniciados quanto por curiosos e simpatizantes do pensamento de Santo Agostinho – a obra *Teologia de Santo Agostinho*,

---

\* Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), bem como bacharel e licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atualmente, é mestrando em Filosofia pela UFPR. E-mail: pienegondarobson@gmail.com

de Francisco Moriones. A presente obra é, na verdade, a versão traduzida para o português (2022) da edição original espanhola homônima de 2004. Por sua vez, originalmente, ela foi concebida para ser um desdobramento condensado e sistematizado da monumental *Enchiridion Theologicum Sancti Augustini* (1961), de mesmo autor. Segundo Moriones, essa iniciativa foi necessária em função da disfuncionalidade prática do *Enchiridion*. Escrito em latim, este último foi concebido para ser uma coletânea de passagens selecionadas do hiponenense, precedidas de breves comentários, que teriam como fim ajudar na formação de jovens seminaristas em sua formação teológica. Entretanto, após as reformas implementadas pelo Concílio Vaticano II (1962-1965), que, dentre outras inovações, assegurou o uso do vernáculo no ofício litúrgico, o *Enchiridion* teria perdido sua função propedêutica prática na formação teológica. Diante disso, para que se pudesse suprir o vácuo formativo deixado pelo compêndio, o Instituto de Agostinologia da Ordem dos Agostinianos Recoletos, sediado em Madri, na abertura do milênio, convidou Moriones a preparar um manual que pudesse conter as linhas mestras do pensamento teológico agostiniano. Dessa forma, portanto, surge a obra *Teologia de Santo Agostinho*, ora apresentada.

Conservando a ordem e a estrutura já presentes no *Enchiridion*, a presente obra, agora em língua portuguesa, conta com 35 capítulos, divididos por temas centrais e subdivididos por temas decorrentes de teor subsidiário. Esses capítulos foram organizados ao modo da estrutura clássica dos grandes temas da Teologia Dogmática. Essa disciplina compõe um dos eixos basilares que, juntamente com outras disciplinas (p. ex. Teologia Bíblica, Teologia Histórica, Teologia Prática etc.), formam a espinha dorsal dos cursos teológicos ofertados pelo mundo, desde pelo menos a Idade Média.

Em uma introdução generosa, o conteúdo propriamente dito da obra é apresentado pelo próprio autor, enquadrando os 35 capítulos em grandes temas, que vão desde o significado do fazer teológico de Agostinho, passando pelo Plano divino de salvação, até à Escatologia, fim último e consumado do plano de redenção. Esses, que serão apresentados aqui seguindo o próprio Moriones, aglutinam os capítulos já mencionados. No que respeita (i) ao *conteúdo*, que engloba *o conceito de teologia em Santo Agostinho*, o autor define a especificidade do bispo de Hipona que vê na teologia a dupla tarefa de responder aos anseios da mente e do coração. Da mente, enquanto exposição ordenada do plano redentivo, porque é “ciência teológica que engendra, nutre, protege e fortalece a fé saudável que leva à verdadeira bem-aventurança (p. 28)”. Do coração, por seu turno, porque no pensamento do bispo, como acentua o padre espanhol, a razão não se divorcia

da vontade, isto é, “nenhum bem é perfeitamente conhecido, se não for perfeitamente amado (p.28)”. No segundo capítulo, ao lidar com (ii) o *plano divino de salvação*, estreitamente ligado ao anterior, o enfoque recai sobre o *caminho real de salvação*, entendido aqui como adesão da alma à religião católica, cuja defesa da legitimidade Agostinho empreende em diversos escritos. Ainda, dentro do escopo do plano divino de salvação, no terceiro capítulo, intitulado “*onde está o teu Deus?*”, Moriones trata da ascensão de Agostinho a Deus, enlevo que passa das criaturas paulatinamente até o Criador, num verdadeiro caminho místico-teológico-filosófico. Esse movimento ascensional a Deus marca, como compreende o autor, o início da exposição do credo em seu conteúdo mais próprio. Daí então, dentro desse mesmo desígnio salvífico, é natural que Moriones passasse, já no capítulo quatro, a tratar da forma com que o bispo africano se postou *diante do mistério da Trindade*. Verdade de fé legada pela tradição cristã, Agostinho buscou elucidá-la também recorrendo à razão. Para tanto, além de lidar com o problema, no interior da Trindade, da pluralidade de pessoas em sua relação com a substância comum, o bispo de Hipona também especulou, a partir da psicologia humana, os vestígios dessa Trindade na alma criada pelo próprio Deus triuno. Ora, fechando esse grande pano de fundo no qual se desenha o plano salvífico, Moriones apresenta as preocupações, no quinto capítulo, que ocuparam Agostinho em sua exegese do relato da criação presente no livro bíblico de Gênesis. Aqui o *Deus criador* é apresentado como a origem do homem e do mundo, contra os maniqueus, bem como é tratado o problema implicado na relação entre tempo e eternidade, a criação dos corpos e das almas, as razões seminais, o problema do mal etc. Abrem-se, então, as questões atinentes à (iii) *história da salvação*, à qual o autor dedica quatro capítulos. Nessa grande história, ele compreende e sistematiza o que entende que o Santo “nos fala da elevação de Adão ao estado de justiça e sua queda pelo pecado; demonstra também a transmissão do pecado original; argumenta sobre sua natureza; e expressa sua opinião a respeito dos efeitos penais dela nesta e na outra vida (p. 30).” Os títulos dos capítulos, respectivamente, denunciam por si o teor de sua abordagem: *o primeiro adão; transmissão do pecado original; natureza do pecado original* e, por fim, *efeitos penais do pecado original*. Todo este diagnóstico sobre a condição tanto da natureza humana pré-adâmica quanto pós-adâmica reverberará nos capítulos que se seguem. Ora, se a enfermidade do pecado teve seu agravamento na natureza da queda do primeiro enfermo, tanto maior será a sua cura quando (iv) *veio um grande médico*. A vinda de Cristo, portanto, sua encarnação, a perpetuação dos seus ensinamentos legados à igreja católica, figuram os seis capítulos seguintes. Destes últimos, o capítulo

que trata da máxima joanina “o Verbo se fez carne” se constitui como a exposição da cristologia agostiniana. Ainda que, é verdade, o dogma não estivesse bem definido quando da morte do Santo, Moriones mostra que as fórmulas de Agostinho ao lidar, dentre outros, com temas como a *união hipostática*, se situam na mais bem acabada ortodoxia. Ora, se o Verbo se fez carne, era natural que o capítulo seguinte lidasse com todas as consequências soteriológicas deste evento, isto é, tratasse sobre o *Cristo Redentor*. Assim, portanto, a encarnação não é apenas um evento miraculoso, mas o acontecimento que reaproximou e reconciliou a criatura com seu Criador. Na economia divina, o autor faz ver ainda que Agostinho não legou à *virgem Maria* uma posição de somenos, não está ausente do seu pensamento uma mariologia, antes desenvolveu todas as questões ligadas ao seu papel de corredentora: maternidade divina, virgindade perpétua e santidade. Deste modo, como coextensão e complemento à redenção, Moriones mostra como o bispo de Hipona, contra os donatistas que ameaçavam de cisão a igreja, desenvolveu uma eclesiologia de caráter apologético, a igreja é *Cristo total* e sua estrutura funciona *como corpo hierárquico* encabeçado pelo múnus petrino. Neste sentido, como alude o XV capítulo da obra, Agostinho foi um verdadeiro *campeão da “católica”*. Os próximos cinco capítulos são dominados pela (v) *antropologia teológica* do cartaginês. Se no âmbito da legitimação das estruturas eclesiais, bem como da necessidade dos sacramentos, como acentua o autor, a pena de Agostinho se voltará contra os donatistas, aqui na esfera de sua antropologia todos os seus esforços por-se-ão a debelar as ideias pelagianas. Assim, visto que Pelágio defendia uma natureza humana dotada de capacidades inerentes, aliadas ao livre-arbítrio, todos os esforços ficariam ao encargo desse mesmo ser humano, isto é, a vida reta e sua consequente salvação. A isso Agostinho oporá uma *antropologia sobrenatural*, a *graça* como remédio à vontade enferma e incapaz de acolher a Deus. Assim, *graça e salvação* se implicam contra o autonomismo pelagiano. Nesses temas gerais, se desdobram temas decorrentes: a necessidade da graça; a possibilidade de viver sem pecado; o valor das obras e a conservação ou perseverança na graça; a gratuidade da graça e a predestinação etc. Fecha-se o quadro com as discussões sobre a *eficácia da graça e o livre arbítrio*, assim como sobre *a justificação e o mérito*. Nesses últimos tópicos, temas como a liberdade de ação humana frente à intervenção divina mediante a graça aparecem com suas múltiplas facetas. Além do mais, se a justificação humana, em consonância com São Paulo, não é garantida ou mesmo obtida por qualquer mérito, como ficam as obras de justiça? Em penúltimo lugar, ocupando nove capítulos, ganha lugar a (vi) *teologia sacramental*. Apesar de, como em relação a outros

dogmas, a questão dos sacramentos só ter atingido sua maturidade no século XIII, entretanto Agostinho oferece grandes contribuições a tais temas como Moriones mostra. Em sua disputa com os donatistas, por exemplo, Agostinho desenvolve o aspecto particular dos sacramentos do *batismo* e da *ordem* enquanto aqueles que imprimem na alma um caráter indelével. Desta maneira, a eficácia sacramental não depende dos sujeitos que a recebem, ou seja, de sua vida moral posterior ou anterior à administração desses sacramentos, mas da própria eficácia da graça comunicada em tais atos sacramentais. Outra discussão, não menos importante, que ressoará na teologia de toda Idade Média, e até nas disputas em torno da Reforma no século XVI, é a questão do realismo eucarístico. Por fim, cobrindo seis capítulos finais, Moriones apresenta a (vi) *escatologia* de Agostinho. Como bem lembra o agostiniano, o reconhecimento das contribuições escatológicas de Agostinho foram subestimadas em relação a outras áreas da teologia. Contudo, ele ressalta a importância do bispo de Hipona no combate aos erros de Orígenes e dos milenaristas. Além disso, na sua monumental *De civitate dei*, Agostinho desenvolve uma verdadeira *teologia da história* ao contrastar o destino das duas cidades que, desde a sua origem, caminham em paralelo: a cidade de Deus e a cidade dos homens. Ademais, deu atenção também ao dito “estado intermediário das almas”, hiato entre a morte e a ressurreição corporal. A própria ressurreição foi objeto de análise e discussão nas obras de Agostinho, assim como a condição daqueles que perecerão na danação eterna.

### **Considerações finais**

Francisco Moriones, como foi dito, dedicou sua vida não só à devoção de inspiração agostiniana, como também ao estudo da vida e da obra do Santo. Sua obra reflete um estudo cuidadoso, familiarizado com os pormenores da teologia de Santo Agostinho.

Na presente obra, o leitor poderá encontrar um estudo ordenado das doutrinas cristãs sob o olhar do velho bispo de Hipona. Essa abordagem tem a vantagem, além das já mencionadas para a formação teológica, para a qual a obra foi concebida, de contribuir para a compreensão também filosófica do sistema agostiniano. É certo, nem sempre os alunos de filosofia, acostumados com a fase mais filosófica do jovem Agostinho, se habituariam com facilidade às mudanças de cariz cristão que marcam a sua velhice. Nesta obra, portanto, os alunos não só de filosofia, mas também de outras disciplinas, poderão se familiarizar com a cosmovisão que dominou progressivamente o pensamento do bispo.

No mais, vale destacar a precisão buscada por Moriones. Como ele bem lembra, a obra ora apresentada precisou ser mais econômica, quando comparada ao antigo *Enchiridion*, em relação às citações das obras agostinianas. Apesar disso, vê-se com clareza a profusão de textos citados e reproduzidos pelo autor para embasar as afirmações feitas sobre cada tópico da teologia agostiniana.

Por fim, vale a pena destacar a importância de uma obra abrangente, ao modo de um compêndio, que enfoque os aspectos teológicos de Agostinho de forma estruturada e orgânica. Até a data da publicação dessa obra, em língua portuguesa, havia apenas temas esparsos, diluídos em obras de teologia sistemática e dogmática, que trabalhavam temas da teologia de Santo Agostinho. Diferentemente de Santo Tomás que, em sua *Suma Teológica*, consagrando então uma tendência perene, apresentou os grandes temas do edifício do pensamento cristão de forma ordenada e progressiva, o hiponense escreveu várias obras, algumas nem levadas a cabo, em contextos os mais variados, e sem a ordem progressiva e sistemática que se imporá posteriormente.

Assim, uma obra bem-acabada, densa em seu conteúdo, em capa dura e contando com índice onomástico e de matérias, retomando temas e formando um pequeno glossário do vocabulário teológico ao final do livro, resta o desafio aos leituras de Agostinho a se debruçarem sobre sua obra tendo como ferramenta de auxílio mais essa obra de fôlego.

*Recebido em: 02/06/2025*

*Aprovado em: 14/06/2025*